

## Um Dia<sup>1</sup>

José Inácio de SOUZA JR.<sup>2</sup>

Mariana TAVARES<sup>3</sup>

Michelline Helena<sup>4</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

“Um dia” conta, inicialmente, um pouco do decorrer do dia de uma garota chamada Gisele. No entanto, não se refere às vinte e quatro horas literais, o roteiro se subscreeve sobre a expressão “um dia” ou “algum dia”, sobre os pequenos desejos que crescem e tomam forma em meio ao cotidiano, em meio à vida e às relações – que são maiores, que completam e se opõem ao dia, à sua especificidade –; que se ocupam de romper com o que se espera.

**PALAVRAS-CHAVE:** garota; desejo; dia; cotidiano.

### INTRODUÇÃO

“Um dia” surgiu como uma reflexão do espaço, das angústias e momentos. É uma ironia do dia-a-dia e do que julgamos importante, por vezes, mesmo que em uma realidade aprofundada, saibamos que são apenas ânsias.

Possuindo como referência filmes do diretor Mike Leigh, à exemplo *Another Year*, o roteiro do curta se preocupa com o situacional, com as vivências diárias e não há nenhum momento de forte apelo, clímax que dure, e sim “anticlímaxes”. Todavia, em contramão à *Another Year*, “Um dia” é mais específico, jovem e tem uma abordagem mais acessível, um tanto menos complexa, contanto, sem reforçar estereótipos. Também, é mais localizada, se ocupa de uma realidade mais local, de aspectos, expressões da cidade e de uma vivência um tanto pessoal. O roteiro, assim, não é, de forma alguma, uma adaptação. Mas, uma derivação de espaços e sentidos.

### OBJETIVO

O curta se propõe a refletir como os dispositivos digitais influenciam na nossa perspectiva do real – como constroem – e como o dia-a-dia é fornecedor de momentos próprios, de conversas e interações que influenciam na individualidade e a reforçam.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de Ficção Avulso.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Publicidade, email: jnior.souza5@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 6º. Semestre do Curso de Publicidade, email: marianatavares34@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual email: michelline.helena@gmail.com.

A partir do início, Gisele é levada pela narrativa. A razão inicial de estar onde está, e uma das razões subliminares que atravessam o resto desse dia: o atraso, a demora para se ajustar, para resolver a fluidez das “coisas” que precisa dar conta, tudo isso se perde ao passo que encontra alguém. Ironizando o que seria, esse mesmo, um conto erótico – “eros” como amor.

Gisele embarca em um sonho, que nunca se reflete no que está sendo visto e que não se completa. A personagem não toma aquilo como máxima, ou talvez tome por alguns minutos, até esquecer, porque está envolvida com algo maior que a sua ansiedade, desejo ou por outro – e esse, o cerne da história: os motivos, desejos e ações comuns, cotidianas, individuais, mas condicionadas pela cultura e sociedade.

## **JUSTIFICATIVA**

Facebook, Vine, Twitter, Instagram, Manhunt, Tinder, são todos sites de aplicativos e relacionamento – e são apenas alguns, dentro do universo expandido do virtual. A questão fundamental, à respeito deles – retomados pelo roteiro –, é: como a ideia de relacionamento e do próprio desejo estão sendo reconfigurados ou pelo menos tragados a partir de uma maneira própria pela Internet? Ou mesmo, como a contemporaneidade e sua dinâmica, providas pelo digital, influenciam na nossa sensação de desejo e importância?

Para Bauman, por exemplo, (filósofo vivo e de ideias conhecidas) a globalização atual, limitada aos empreendimentos comerciais, é percebida como uma perda de controle sobre o presente e uma incapacidade de prever o que o futuro trará, reforçando a insegurança – que afeta a própria noção de individualidade (2005, pág. 51 - 54) –; visão forte e disseminada, que possui um pessimismo em relação ao futuro e à sociedade capitalista, mas que revela também como a individualidade, o consumo e outras questões fazem parte da vida, em conjunção, e aferem a forma como percebemos e tomamos de conta o mundo. Na nossa história, isso é parte relevante do contexto de Gisele, mas ainda não é suficiente, somente.

Para Lévy, outro teórico contemporâneo, que contraria Bauman, os antigos modos de comunicação em larga escala eram “massivos e grosseiros” e os “novos processos de intermediação, em contrapartida, resultam dos próprios indivíduos, e correspondem, de maneira fina, em função de certo trabalho, às necessidades e aos interesses destes” (2000, p.

21). Eles mediam uma interação mais próxima, com maior vínculo, mais pessoais, e ajudam a efetivar as relações que são partes da vida. Assim, Gisele, mesma, utiliza do celular como chave para resoluções, para fuga do cotidiano e para seu incentivo. Um hábito que desenvolveu devido à socialização; mas só, esse hábito, não bastante para entender sua personalidade e suas atitudes.

Se lançarmos mão às Teorias de Mediações de Recepção e Comunicação de Barbero, por outro lado, poder-se-ia reforçar a própria personagem, não especificamente sua psique, mas é possível entender o porquê de sua interação e de sua apropriação e convivência...

Gisele é parte de uma série de relacionamentos. Esses relacionamentos são essenciais para explicar o modo como ela “apropria o mundo”. O curta em si são recortes de relacionamentos entre Gisele com outros, ainda que, em algum momento, por meio d’uma realidade virtual.

A relação, por exemplo, com sua avó, a qual nunca é presenciada fisicamente, na história, possui um papel fundamental para as questões, desse cotidiano. É ela que recoloca Gisele em um caminho mais linear, lhe puxa da narrativa prévia e firma uma visão ou obrigação. Sua avó dentro da estrutura é uma das referências mais fortes de “cotidianidade familiar” e da construção da personificação da personagem.

Há três lugares fundamentais de mediação para Martín-Barbero: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural, sendo que a família é uma situação primordial de conhecimento, e o bairro pode ser visto como “lugar” de reconhecimento – trata-se dos processos de reconhecimento como “lugares” de constituição de identidades. (GROHMANN, Rafael do Nascimento, 2009, pág. 5).

O filme se justifica, portanto, na referência a um espaço de compartilhamento, de reflexão dessas mediações, das interações e das apropriações sociais que movimentam a vida de uma pessoa em sociedade, no caso específico, das nossas personagens – ainda que jamais esteja implícito dentro da própria narrativa. E é isso que se propõe ao fechamento do roteiro, os personagens em sua vida, em suas relações, criando ou apenas refazendo sentidos diários, com suas individualidades limitadas, aumentadas ou reinterpretadas. Um espaço de comunicação aberto, que deixa a quem lê ou assiste, preencher.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Durante a elaboração do que viria a ser o roteiro, o grupo fez algumas reuniões presenciais e online, possivelmente cerca de cinco ou seis. Além do roteiro, foram criados os perfis dos personagens (quem eram, suas personalidades, do que gostam, quais seus sonhos, motivações, dificuldades, problemas, etc), uma sinopse, uma *logline*, um argumento e um roteiro técnico – como exigência da disciplina de Linguagem Audiovisual.

Para formatar o roteiro, atual, utilizamos o programa padrão da plataforma Windows – Word – revisando por meio das regras do manual de roteiro “Os Fundamentos do Texto Cinematográfico” (FIELD, 2001).

## **DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O curta conta a vida de uma universitária e expõe um pouco de quem ela é, do que gosta, de seus hábitos e dos de seus amigos, deixando a inferir um pouco da família, que é em, por menores, citada, e que influi na história, mas jamais está presente “em corpo”.

Há também, no roteiro, a possibilidade de uma paixão aparente – ou “por aparência” –, por um rapaz e o desvencilho disso para uma nova história a se completar. E relaciona esse contexto aos meios digitais, utilizados comumente no dia-a-dia, deixando, no final, espaço ao leitor / vedor interpretar: qual a influência deles e, até, quem é Gisele.

Dividido em seis sequências, se interessa por alguns fatos, como “a problemática e a motivação trevosa de Gisele”, “a conversação”, “a procura”, “a conversação sobre a vida”, “o encontro” e o “desfecho curvo”.

Gisele, por sua vez, exemplifica uma garota nada muito esperada. Não há certezas sobre como ela pensa ou pode agir. Na verdade, ela não é madura também, mas pode agir, radicalmente, como uma. Ela não é um “exemplo”, no sentido que se usa popularmente. Ela é uma garota comum – e é ela quem dá vida a história. No mais, essa é uma história sobre o comum, mas que busca criar também reflexão sobre esse mundo em que ela (e os criadores do roteiro), vive (vivem).

## **CONSIDERAÇÕES**

“Um dia” pode pensar uma série de questões que desafiam e complementam o mundo da protagonista, Gisele, mas, na fachada, sem análise prévia, é uma história aparente-

mente cotidiana e acessível, feita para e sobre o dia-a-dia, sobre a vida, sem grandes feitos, com pequenos detalhes, o que torna mais verossímil ao real. Assim, uma breve história de pessoas comuns; em essencial: uma, em busca de algo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro: Os fundamentos do Texto Cinematográfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. da (Org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *A vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 212p. (2ª Ed.)

GROHMANN, Rafael do Nascimento. O receptor como produtor de sentido: estudos culturais, mediações e limitações. *Revista Anagrama [online]*, São Paulo, Universidade de São Paulo, junho-agosto de 2009. Disponível na Internet:  
<[http://www.usp.br/anagrama/Grohmann\\_recepcao.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Grohmann_recepcao.pdf)>. Acesso em: 01, abril, 2014.